

CHAMADA PARA ARTIGOS A CIDADE E A FESTA

A revista *Cidades* planeja publicar, em 2011, um número consagrado ao tema **A CIDADE E A FESTA**. Recebi o convite para ser o editor deste número.

Os geógrafos estudam tradicionalmente a cidade, a partir de suas formas (extensão, planos, redes viárias, edificações); sua população (efetivos, origem, composição, migrações, classes); suas atividades artesanais, industriais, comerciais ou administrativas; suas funções políticas ou religiosas. A cidade é assim compreendida em sua temporalidade habitual, aquela da sucessão do trabalho e do repouso, aquela da produção, e nas suas dimensões simbólicas permanentes, como lugar do poder e centro religioso.

A festa rompe com a existência cotidiana. Fim do trabalho, das obrigações penosas! Dá-se o lugar à diversão, ao descanso! O cenário muda: arcos de triunfo, guirlandas e flores transformam as ruas e escondem o aspecto e a pobreza das edificações envelhecidas; as cores alegrem a atmosfera; a música invade a cidade; as pessoas se disfarçam, mascaram-se; desfilam, cantam, dançam; fogos de artifício são disparados, espetáculos são oferecidos.

A festa destina-se a uma ou outra categoria social, ou a toda a população; ela é uma ação dos habitantes de um bairro ou daqueles de toda a cidade; ela é própria à cidade, ou se inscreve num calendário religioso que interessa a todos os fiéis ou naquele da República que concerne a toda a nação.

A pesquisa geográfica esteve desinteressada, por muito tempo, dos parênteses que se abrem, assim, na existência urbana. A festa reata com o tempo do mito, aquele da revelação ou aquele da Revolução: ela sacraliza frequentemente o espaço profano; as procissões religiosas o mostram, como, numa perspectiva diferente, os longos desfiles que comemoram os acontecimentos revolucionários. A festa lembra um passado magnificado, transfigura o presente ou projeta em um futuro glorioso.

A festa afeta o tempo social: ela provoca uma inversão da ordem instituída; as hierarquias são questionadas, o povo zomba de seus superiores, maltrata-os às vezes. É o tempo do barulho, dos fogos, da truculência, dos excessos. A cidade vive uma experiência catártica.

A festa exalta uma ordem simbólica que a vida cotidiana, às vezes, faz esquecer: se ela é religiosa, ela restitui à fé o ardor que ela tinha quando da revelação; se ela é política, ela exalta os valores centrais do grupo e conforta o poder daqueles que os defendem. A festa provoca momentos de exaltação.

A festa recompõe a cidade por um tempo. Por que? Será que serve sobretudo para evitar as explosões sociais graves provocando efemeridades mais benignas? Pode-se, sem ela, exaltar o que há de mais profundo na fé ou confortar os sentimentos de identidade?

A festa urbana é própria das sociedades do passado? Como ela tem evoluído? Como o sagrado e o profano conciliam-se hoje? A proliferação de seitas e o crescimento de ideologias novas lhe dão novas bases, lhe sugerem novos temas? Não está a festa remodelando o espaço da cidade pós-moderna, que gostaria de perenizar o cenário e a atmosfera da festa?

O objetivo deste número de *Cidades* é evocar, através de exemplos tomados em meios e épocas diferentes, as diferentes funções da festa, o que ela traz para as populações urbanas, o significado que ela adquire para a cidade, seus diversos componentes ou a sociedade na qual ela se insere.

As propostas de artigos devem ser endereçadas a mim (p.claval@wanadoo.fr), ou à Maria Encarnação Beltrão Sposito (mebsposito@gmail.com), editora da revista *Cidades* (cidadesrevista@gmail.com), até 31 de agosto de 2010. Os textos finais devem ser remetidos até 01 de fevereiro de 2011.

Paul Claval

TEXTE D'APPEL LA VILLE ET LA FÊTE

La revue brésilienne *Cidades*¹ projette de publier en 2011 un numéro consacré à «La ville et la fête». Elle m'a demandé de le diriger.

Les géographes étudient traditionnellement la ville dans ses formes (extension, plans, réseaux viaires, volumes construits), dans sa population (effectifs, origine, composition, migrations, classes), dans ses activités artisanales, industrielles, commerciales ou administratives, dans ses fonctions politiques ou religieuses. La ville est ainsi saisie dans sa temporalité habituelle, celle de la succession du travail et du repos, celle de la production, et dans ses dimensions symboliques permanentes, comme foyer de pouvoir et centre religieux.

La fête rompt avec l'existence quotidienne. Fini le travail, les obligations pesantes! Place au jeu, à la détente! Le décor change : arcs de triomphe, guirlandes et fleurs transforment les rues et cachent la grisaille et la pauvreté des bâtiments vieillissés ; les couleurs égaient l'atmosphère ; la musique envahit la ville ; les gens se déguisent, se masquent ; ils défilent, chantent, dansent ; des feux d'artifice sont tirés, des spectacles sont donnés.

La fête concerne telle ou telle catégorie sociale, ou toute la population ; elle est le fait des habitants d'un quartier ou de ceux de toute la cité ; elle est propre à la ville, ou s'inscrit dans un calendrier religieux qui intéresse tous les croyants ou dans celui de la République qui concerne toute la nation.

La recherche géographique s'est longtemps désintéressée des parenthèses qui s'ouvrent ainsi dans l'existence urbaine. La fête renoue avec le temps du mythe, celui de la révélation ou celui de la Révolution : elle sacralise souvent l'espace profane ; les processions religieuses le soulignent, comme, dans un registre différent, les longues marches qui commémorent les événements révolutionnaires. La fête rappelle un passé magnifié, transfigure le présent ou projette dans un futur glorieux.

¹ Revue semestrielle du Grupo de Estudos Urbanos, publiée sous la direction de Maria Encarnação Beltrão Sposito. Courriel : mebsposito@gmail.com.br

La fête affecte le temps social : elle provoque une inversion de l'ordre institué ; les hiérarchies sont remises en cause, le peuple se moque de ses maîtres, les malmène parfois. C'est le temps du bruit, des pétards, de la truculence, des excès. La ville traverse une expérience cathartique.

La fête exalte un ordre symbolique que la vie quotidienne fait parfois oublier : si elle est religieuse, elle redonne à la foi l'ardeur qu'elle avait lors de la révélation ; si elle est politique, elle magnifie les valeurs centrales du groupe et conforte le pouvoir de ceux qui les défendent. La fête provoque des moments d'exaltation.

La fête recompose la ville pour un temps. Pourquoi ? Sert-elle surtout à éviter les explosions sociales graves en provoquant de passagères, plus bénignes ? Peut-on, sans elle, exalter la profondeur de la foi ou conforter les sentiments d'identité ?

La fête urbaine appartient-elle plutôt aux sociétés du passé ? Comment évolue-t-elle ? Comment sacré et profane s'y concilient-ils aujourd'hui ? La prolifération des sectes et la montée d'idéologies nouvelles lui donnent-elles de nouvelles bases, lui suggèrent-elles de nouveaux thèmes ? N'est-elle pas en train de remodeler l'espace de la ville postmoderne, qui voudrait pérenniser les décors et l'atmosphère de la fête ?

Le but du numéro de *Cidades* est d'évoquer, à travers des exemples pris dans des milieux et à des époques différentes, les différentes fonctions de la fête, ce qu'elle apporte aux populations urbaines, et la signification qu'elle revêt pour la ville, ses diverses composantes, ou la société dans laquelle elle s'insère.

Les propositions d'articles devront m'être adressées (p.claval@wanadoo.fr), ou être adressées à Maria Encarnação Beltrão Sposito (mebsposito@gmail.com), directrice de la revue *Cidades* (cidadesrevista@gmail.com), avant le 31 août 2010. Les textes définitifs doivent être remis avant le 1^{er} février 2011.

Paul Claval

CHAMADA PARA ARTIGOS A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: O SENTIDO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Quando a Comissão Editorial da revista *Cidades* optou pela edição de um “dossiê” a cada número, a partir do sétimo volume, coube-me a tarefa de organizar um número dedicado às políticas públicas voltadas para o espaço urbano. Propõe-se para este um olhar crítico às políticas e ações propostas ou já concretizadas pelo poder público nos âmbitos federal, estadual e/ou municipal para as nossas cidades, tendo em vista o sentido das políticas adotadas, bem como sobre diretrizes e instrumentos disponíveis para tal finalidade em cada localidade e a cada momento histórico.

No âmbito das ciências humanas, os geógrafos são profissionais cuja formação acadêmica envolve tanto a natureza quanto a sociedade (sem falar na sua experiência no tratamento da cartografia) e, desse modo, requisitados para compor equipes técnicas que oferecem subsídios para a tomada de decisões políticas que implicam formas diversas de apropriação do espaço urbano. Acompanhados de arquitetos, urbanistas e engenheiros, entre outros profissionais, ajudam a desenhar o espaço da vida na cidade, onde estão postas concretamente as condições de nos reproduzirmos socialmente. A vida cotidiana depende diretamente de tais políticas. As transformações no espaço urbano, em qualquer momento da história, sempre implicaram decisões de e/ou entre indivíduos, classes ou parcelas de classes, vivendo num espaço comum. Portanto, o sentido das decisões tomadas e levadas a efeito por ações do poder público em cada lugar, sucessivamente no tempo, se materializaram no espaço urbano e simultaneamente se transformaram em condições de reprodução da vida na cidade.

A academia tem a tarefa de avaliar criticamente os resultados obtidos. Não podemos nos esquecer, no entanto, de que nas democracias eletivas a duração dos mandatos governamentais provoca a descontinuidade de ações já em curso, retardando, ou mesmo eliminando programas. De modo concreto: muda o

governante, alteram-se os rumos de ações políticas que afetam positiva ou negativamente a reprodução social. Mas é bom lembrar que as decisões tomadas no que concerne à reprodução do capital não sofrem descontinuidade temporal. Porém, é frequente a descontinuidade espacial: na atualidade, os capitais se deslocam para onde podem obter maiores lucros com muita velocidade.

Isso posto, o objetivo do número 14 da Revista Cidades é o de apresentar reflexões sobre o sentido de decisões que implicaram e implicam transformações no espaço urbano na atualidade. E nessa perspectiva, perguntamos: as políticas públicas, com suas estratégias, têm banalizado forma e conteúdo do espaço urbano? As políticas públicas têm contribuído para a construção de espaços urbanos onde prevalece o interesse privado? Há políticas públicas que favorecem o interesse coletivo? Qual o significado dos espaços públicos para os cidadãos? De que instrumentos a sociedade dispõe e de que maneira os usa para pensar e projetar a vida na cidade? Quem definiu os instrumentos formais, legislação, normas etc., e com qual pressuposto? Essas são algumas questões gerais sobre as quais devemos nos debruçar com persistência, de modo a tornar mais claras as políticas públicas orientadoras da produção do espaço urbano que nos destinam para a reprodução da vida.

Os artigos deverão ser enviados a mim (silvanapintaudi@uol.com.br) ou à Maria Encarnação Beltrão Sposito (cidadesrevista@gmail.com), coordenadora editorial da Revista, até o dia 1º de março de 2010. Caso seja necessária alguma revisão, os textos definitivos devem ser entregues até 1º de maio de 2010.

Silvana Maria Pintaudi